

GUILHERME FIUZA



FAKE BRAZIL

A EPIDEMIA DE FALSAS VERDADES



Guilherme Fiuza

FAKE BRAZIL

**A epidemia de
falsas verdades**

SUMÁRIO

1. *Fake news* de grife **13**
2. A resistência de boa aparência **25**
3. A maquiagem progressista está toda borrada **37**
4. Os heróis da democracia fascista **47**
5. A empatia da bordoadada **57**
6. Cala a boca já morreu (mas ressuscitou) **67**
7. A arte de dedurar **81**
8. Os revolucionários de boutique **89**
9. A desmoralização da civilidade **101**
10. Me censura senão eu minto **115**
11. 2020, uma odisseia no porão **127**
12. A orquestra do fracasso **139**
13. O baile de máscaras da patrulha **151**
14. Notícia boa é notícia escondida **163**
15. Lula, STF e o amor **175**
16. Operação Carne Fraca **187**
17. Democracia sem povo **197**
18. Araraquara connection **209**
19. COVID, um negócio da China **219**
20. Esperando a vacina contra a hipocrisia **229**

CAPÍTULO 1

***Fake news* de grife**

TUDO MUNDO JÁ ENTENDEU QUE O COMBATENTE DE *fake news* e o propagador de *fake news* são a mesma pessoa, né? Ainda não? Normal. É que o grande propagador de *fake news* hoje em dia não é mais aquele tipo marginal, obscuro, escondido atrás de pseudônimos, computadores remotos e perfis falsos. Nada disso, acabou esse perrengue. O disseminador da mentira hoje é um personagem legalizado, educado, de boa aparência, que age à luz do dia, com grife e tudo. Como cantou o profeta da falsidade: “Agora já não é normal / O que dá de malandro regular, profissional”...

Em mais um momento glorioso do Supremo Tribunal Federal, em que ele preparava a soltura de Lula, o ladrão amigo — acusado por Marcos Valério de mandante do assassinato de Celso Daniel, ou seja, gente boa — o ministro Celso de Mello disse o seguinte: “Os delinquentes do submundo digital” submetem o STF (pobrezinho) a pressões “ilegítimas”. Falou e disse. Ninguém é decano da Corte que solta o maior ladrão do país à toa.

Legítimo certamente foi o voto de Celso de Mello em 5 de abril de 2018 para tentar evitar a prisão de Lula, através de um *habeas corpus* preventivo que rasgava a decisão do próprio STF de apenas dois anos antes, autorizando a prisão após condenação em segunda instância. Legítimo é você afrontar a jurisprudência firmada pelo seu próprio tribunal para salvar o homem que regeu a destruição da economia popular no maior assalto da história.

Segundo o decano dessa Corte compreensiva, a delinquência do submundo digital tem uma “atuação sinistra” contra a democracia. Não vamos cansar a sua beleza com conversinha cifrada. Celso de Mello se refere ao movimento das redes sociais que decidiu a eleição presidencial de 2018 e depois passou a apoiar a agenda de reconstrução nacional — com destaque para a sonhada Reforma da Previdência, que deixou de ser sonho, graças em grande medida aos “delinquentes do submundo digital”.

Não, o discurso do decano (que reflete o dos seus pares e de boa parte da elite brasileira) não é dirigido aos arroubos na internet, à agressividade que passa do limite saudável ou aos palavrões. O acusador de toga não nominou ninguém, não deu nenhuma pista, não cumpriu a obrigação intelectual de deixar claro a quem estava se referindo. Essa generalização é a alma do negócio, o pulo do gato, a ginga essencial do malandro regular, profissional. É justamente o truque para dizer que *fake news* é tudo aquilo que desafia a hegemonia falsamente “progressista” dessa elite reacionária — que tragicamente inclui, além dos seres togados & simpatizantes da quadrilha que montou essa Corte, boa parte da grande imprensa.

Fazendo coro com o discurso de Celso de Mello contra a “delinquência digital” que decidiu a eleição presidencial, um *tsunami* de notícias tentava criar suspeição sobre o resultado das

urnas (muito grave). Fora a especulação conspiratória quase diária contra os ministros de Bolsonaro. Paulo Guedes, por exemplo, estava sempre “isolado”, “irritado”, “decepcionado” etc. — sendo ele, não por acaso, o principal símbolo da melhor equipe de governo deste século que boa parte da imprensa tentava envenenar com desinformação.

Se dependesse do noticiário tradicional, o povo acharia que Guedes, Tarcísio e cia estavam abandonados num canto deprimidos, jogando baralho e assistindo pela TV ao primeiro-ministro Rodrigo Maia salvar o Brasil do incêndio fascista — isso depois de acordar de bom humor e dar aos brasileiros, com grande generosidade, a reforma da Previdência. Já deu para entender o que é *fake news*?

Pois bem: Rodrigo Maia, o conspirador que ama a palavra “harmonia”, estava em Londres lançando tranquilamente suspeições sobre a eleição presidencial no Brasil. Ou seja: mais uma forcinha ao enredo novelesco da “delinquência digital” — que virou obsessão para esses burocratas por ser, na verdade e essencialmente, uma circulação de informações sadia e potente entre pessoas comuns, capaz de furar a asfixia montada por essa elite reacionária que quer falar sozinha.

Lula ainda não sumiu na lata de lixo da história porque é útil para a sabotagem da agenda de reconstrução do país — que ameaça deixar esses parasitas empertigados à míngua.

Por aí você vê que Alexandre Toffoli e Dias de Moraes, ou vice-versa, a dupla caipira do STF que jogou o Brasil na nostalgia autoritária, não estão sozinhos. A construção do cenário para garfar a liberdade de expressão — com a embalagem do famigerado inquérito contra *fake news* — teve a contribuição de muita gente boa que está aí clamando por democracia. É a chamada resistência cenográfica.

Na campanha eleitoral de 2018, os justiceiros Luiz Weber e Rosa Fux, ou vice-versa, declararam que um caso comprovado de *fake news* poderia anular a eleição. Você sabe do que eles estavam falando, né? Não sabe? Explicamos então: essa *fake news* aí não tem nada a ver com notícia falsa.

Era apenas uma cópia vagabunda da estratégia eleitoral norte-americana para transformar Hillary Clinton em vítima do fascismo imaginário. Em outras palavras: tudo que não viesse da imprensa mergulhada até o pescoço na campanha da candidata do imaculado Obama era *fake news*. Estão até hoje gritando que a derrota foi um golpe do WhatsApp em conspiração com a Rússia, ou vice-versa. O inquérito provando que não houve conluio foi concluído, mas não interessa. Hoje em dia ninguém precisa de fatos.

A mesmíssima narrativa foi aplicada ao Brasil. A formação de uma espécie de igreja progressista dos últimos dias — na verdade uma pantomima politicamente correta de alto teor lucrativo — foi trazendo boa parte da sociedade virtuosa nos últimos anos. O truque é simples e irresistível: você adquire o kit-bondade (1,99) mediante a repetição dos clichês certos e ganha o salvo-conduto — uma espécie de abadá moral — para entrar no cercadinho vip contra os fascistas. Aí você pode cair na folia da demagogia humanitária como se não houvesse amanhã, que ninguém vai te incomodar.

Curiosamente, parte da imprensa que apostou tudo nas *fake news* da dupla Janot & Joesley em 2017 — no caso da delação armada (e depois suspensa) para virar a mesa do Brasil pós-PT — virou combatente contra as *fake news* das diabólicas redes sociais no ano seguinte. Apareceram até agências de checagem de fatos para informar aos mortais onde estava a verdade (humildade é tudo). Uma cruzada épica para impedir que um golpe

fascista das tias do WhatsApp decidisse a eleição, como nos Estados Unidos.

Foi nessa onda de resistência democrática para boi dormir que os tribunais superiores ganharam a missão intergaláctica de combater *fake news* — conforme anunciado pela dupla Fux-Weber. Entendeu de onde veio a varinha de condão usada pela dupla Toffoli-Moraes para brincar de ditadura?

Em outras palavras: no Brasil, como nos EUA e tragicamente em boa parte do mundo, a liberdade de imprensa tem sido tratada como a garota de programa que vai realizar o seu fetiche por um dia. A resposta dela não podia ser outra: ok, amor, vamos pro crime, mas não venha me pedir em casamento amanhã.

Quando a censura carnavalesca decretada por Alexandre Toffoli e Dias de Moraes atingiu uma revista, a resistência cenográfica até ensaiou um protesto no carro alegórico da imprensa livre, porque no Carnaval ninguém lembra mesmo do que fez na véspera — no caso, ajudar a montar o cenário onde a dupla caipira de toga se sentiu à vontade para avacalhar a liberdade de expressão. Mas logo a dupla voltou a fantasiar de combate ao fascismo a sua perseguição às redes sociais, e aí os bravos democratas voltaram a conviver numa boa com a censura.

Todos contra o “Gabinete do Ódio” — apelido gracioso para a teoria conspiratória de que a opinião pública favorável à agenda de reconstrução do país é uma milícia comandada pelo governo. Contando ninguém acredita.

A tese *fake* do Gabinete do Ódio embasa as perseguições políticas do Supremo Tribunal Federal. O mesmo STF forjado por Lula e sua quadrilha para referendar seu plano autoritário, exatamente como a corte suprema da Venezuela virou um anexo do chavismo. Captou o DNA? (OBS.: o chavismo não se consumou aqui, porque o Brasil foi para a rua e impediu.)

Você só não poderia imaginar que esse entulho autoritário petista mereceria vista grossa de tanto adversário do PT. Vai faltar armário para o liberalismo afônico.

Esse liberalismo trans só fala para conspirar — como se viu quando uma integrante do gabinete do amor foi à porta do palácio cobrar do presidente as mortes por coronavírus. É o amor nos tempos do cólera, como diria García Márquez. Ali pertinente, as vedetes do STF devem ter pensado: ainda bem que ela não viu a gente.

Na verdade, viu, mas fingiu que não viu. O gabinete do amor sabe que, se fosse para discutir para valer responsabilidade de autoridades no enfrentamento da epidemia, a conversa teria que começar no Supremo. Mas aí não teria graça. Ninguém se promove batendo em cachorro morto.

O STF deu a caneta mágica aos governadores (e prefeitos) para montarem o Covidão e a quarentena totalitária, combinação devastadora da qual todos os cúmplices chegaram a achar que sairiam imunes. Mas depois começaram a entender que não será bem assim.

Naquele mesmo momento, o pedido de *impeachment* do governador do Rio de Janeiro era formalmente aceito. Wilson Witzel é do mesmo partido da funcionária do gabinete do amor que foi tentar grudar cadáveres no presidente na porta do palácio. Não do mesmo partido político. Do mesmo partido existencial. A razão de viver de Witzel e da milícia do amor colérico é idêntica: surfar no antibolsonarismo — seja lá o que isso for. A contabilidade manual de uma birosca de beira de estrada é mais sofisticada que as mentes desses surfistas da pequena política nacional.

Quando a vida não te dá proteína espiritual, é alta a probabilidade de você achar que suas chances de progredir estão condicionadas à mistificação. À simulação. À montagem de um

campo de batalha cenográfico do qual você sairá inexoravelmente vencedor, porque tudo ali é produto da sua birosca mental. E como a proteína é pouca, você vai se encantar com a hipótese de que todos acreditarão para sempre no seu novelão, e te levarão a sério.

Na linguagem do surfe, o pico é o lugar onde surgem as melhores ondas. Para os surfistas de epidemia, o pico está sempre ali na frente — eternizando a onda da patrulha mórbida que significará, após uma espetacular distribuição de culpas, o sucesso inevitável deles e de suas pranchetas. Os urubus sobrevoaram essa cena e foram embora após um singelo comentário: “Que babacas”.

Os parasitas de tragédia, os liberais de cativo e os humanistas de boutique estão irmanados na complacência silenciosa para com governadores que viraram caso de polícia. Nenhuma dessas libélulas antifascistas viu cidadãos sendo barbarizadas nas ruas pelos tiranetes. Estavam mais preocupadas em tramar com a “comunidade científica” do PT, PSOL e genéricos as diretrizes de fundo de quintal para manter todo mundo preso e asfixiar a sociedade.

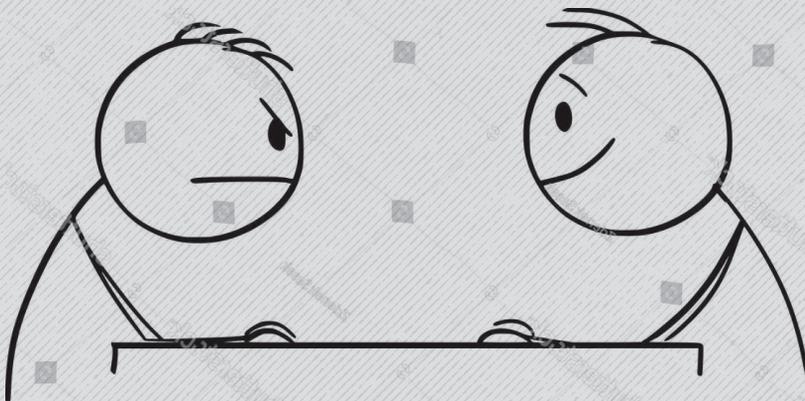
O motivo era nobre: caprichar no acabamento do vilão que justificaria seu heroísmo de proveta. Pela primeira vez na história da humanidade a ciência foi confundida com batuque de panela em quarentena vip — lugar seguro onde panela vazia é tamborim e não faz coro com estômago roncando.

Pode ser que ninguém tenha notado o silêncio do gabinete do amor diante dos milhões desviados em respiradores fajutos, hospitais de fachada e soro fisiológico superfaturado; diante das estatísticas batizadas para potencializar o roubo; diante da deliberada mistura de dados entre vítimas e portadores do coronavírus com os de outras doenças graves para apavorar a população.

Pode ser até que o truque ressuscite e sobreviva um pouco mais — que seja infinito enquanto dure, como se diz no pico do Mandetta — e que papai do céu não esteja vendo tudo isso.

Mas os urubus já viram. E a sentença é definitiva: babacas!
Conversa de gabinete no *Brazil* moderno:

- Você é do gabinete do ódio?
— Sou. E você?
— Gabinete do amor.
— Ah, que sorte.
— Pois é. Por que você não vem pra cá?
— Ué, me convida que eu vou.
— Você tem experiência?
— De amor?
— É.
— Não. Só de ódio.
— Ah, então não dá. Que pena.



— É. Imaginei.

— Mas tenta uma formação, tem uns cursos bons por aí.

— Se eu conseguir um certificado, será que consigo entrar no gabinete do amor como estagiário?

— Depende. Você vai ter que passar por um processo seletivo.

— É muito difícil?

— Vão te fazer umas perguntas sobre *fake news*. Se você der as respostas certas, tá dentro.

— Show. Vou começar a estudar.

— E joga fora tudo que você aprendeu no gabinete do ódio. Nada vai servir pra cá.

— Isso é que me deixa tenso. Será que eu vou conseguir uma mudança tão radical?

— Tudo é bom senso. Se você tiver bom senso, a transformação vem naturalmente.

— Quero muito isso. Será que você pode ir me dando umas dicas?

— Que dicas?

— Do que eu respondo no processo seletivo.

— Sobre *fake news*?

— É. Só uma ideia geral.

— Bom: em primeiro lugar, você precisa ser capaz de checar fatos.

— Aí é que o bicho pega. Não entendo nada disso.

— Não é difícil. Um bom começo é você ir separando as fontes confiáveis.

— Pode dar um exemplo?

— Ah, tem várias. O STF, por exemplo.

— Como assim?

— Não é uma bíblia, mas é um bom guia. Se o Alexandre de Moraes, por exemplo, disser que o Dias Toffoli não é o amigo do amigo do meu pai, é porque não é.

— Seu pai?

— Não, querido. O pai do Marcelo Odebrecht.

— Ah, tá. No caso, então, *fake news* seria dizer que o Toffoli era conhecido na Odebrecht como amigo do Lula.

— Exatamente.

— Se eu responder isso, consigo vaga no gabinete do amor?

— Não só isso. O processo seletivo é rigoroso.

— Pode dar outro exemplo de fonte confiável?

— Não posso falar muito. Mas vou te deixar alguns nomes-chave.

— Obrigado.

— Pensa sempre em Rodrigo Maia, Randolfe, Molon, Wyllys, Ciro Gomes...

— Como referência de *fake news*?

— Não. De verdade.

— Ah, tá. É que no gabinete do ódio é tudo ao contrário.

— Claro. O ódio é o contrário do amor.

— Isso. Eu devia ter deduzido.

— Não se preocupe. Você vai recuperar a capacidade de dedução quando parar de odiar.

— Sérioo?

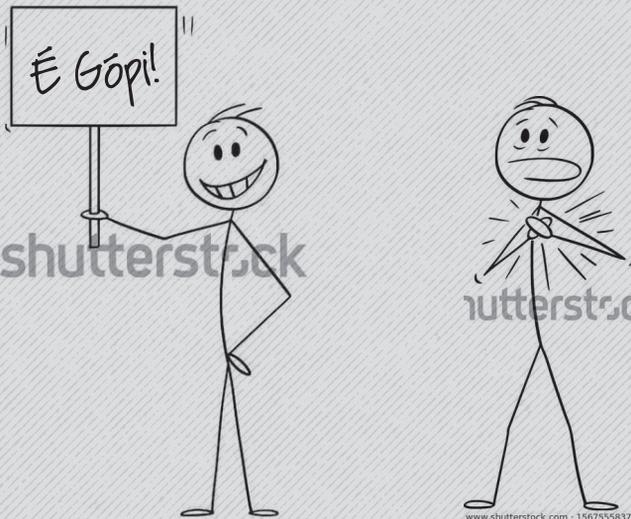
— Científico. Segundo a OMS e o Instituto Butantã, cerca de 90% dos...

— Espera. Já estou com informação demais. Vou começar a me confundir.

— Tudo bem, eu entendo. Aqui no gabinete do amor você vai conseguir armazenar muito mais.

— Na nuvem?

- Nas nuvens.
- Que lindo. Então você acha mesmo que tenho chance?
- Não sei. Precisaria fazer um teste pra verificar o seu potencial.
- Tudo bem, pode fazer.
- Ok. Me responde o seguinte: o que há em comum entre o *impeachment* da Dilma e a eleição do Bolsonaro?
- Foi golpe.
- Perfeito! Como você captou com tanta exatidão?
- Segui a lógica. É tudo ao contrário do que eu achava, né?
- Exato. Você tem chance. Só faltou uma coisa.
- O quê?
- A pronúncia. O certo é gópi.
- Ok. Também faltou te dizer uma coisa.
- O quê?
- Enfia esse gópi no...
- Êpa! Calma aí! Tá pensando que isso aqui é gabinete do ódio?
- Não. Isso foi uma declaração de amor.





Everett Collection

Everett Collection

CAPÍTULO 2

A resistência de boa aparência

A CENA DE UMA JOVEM DEPUTADA DE BOA APARÊNCIA (E ótimos padrinhos) avançando a céu aberto para derrubar o fascismo comoveu o Brasil. A imagem da meiga Tabata Amaral marchando ao lado de Alexandre Frota pela educação encheu os brasileiros de esperança. Se a Petra Costa não estivesse no Oscar poderia ter começado a filmar ali mesmo a *Democracia em Vertigem 2 — Mais Vertiginosa Ainda*. Enquanto não vem o novo blockbuster da Andrade Gutierrez, vamos tentando explicar essa nova e exuberante pedagogia nacional.

Como todo mundo já sabe e todo mundo já viu, o petismo já era. Quem está dando um show hoje no Brasil é a resistência de boa aparência. O que aconteceu foi o seguinte: quando os heroicos defensores da democracia e do liberalismo viram que a reforma da Previdência — que eles sempre disseram que era a salvação — estava realmente sendo feita, partiram para a guerra. Não a guerra para aprovar a reforma, claro. A guerra para bombardear os que estavam ousando fazê-la.

É uma lógica muito simples. Como é que você vai viver de vender uma salvação se os possíveis compradores já estão salvos? Não dá. E aí é que a coisa complicou de vez. A nova Previdência, que sozinha já salva o país do colapso — ou seja, uma desgraça — é uma de várias reformas que começam finalmente a remover os caninos do Estado do pescoço do contribuinte. Enfim, uma revolução — a verdadeira, a libertadora, a única.

Foi assim que nasceu a revolução de auditório — limpinha, perfumada e fácil de usar. É um movimento de renovação nacional com receitas simples e geniais que qualquer um pode fazer. Por exemplo: pegue um rostinho meigo, jogue uma pitada de PDT com Ambev, misture tudo no caldeirão do Hulk e está pronta uma liderança política novinha em folha. Se o Darcy Ribeiro soubesse disso teria levado os índios direto pro shopping.

Nesse alegre parque de diversões cívico, você pode ver políticos históricos como Fernando Henrique Cardoso ou Roberto Freire fazendo acrobacias intelectuais e acadêmicas para explicar sua devoção a um apresentador de auditório milionário. Esses cardeais da democracia e da civilidade estavam preocupadíssimos com o avanço da ignorância no poder — e depois de muito refletir, conjecturar e prospectar suas mais refinadas fontes de saber e erudição, fecharam com Luciano Huck.

Nessa Disney da renovação democrática, você não para de se divertir. Tem um brinquedo que é sensacional: você pergunta ao Armínio Fraga — o ex-presidente do Banco Central e grande propagador do liberalismo — o que ele está achando das reformas liberais do Paulo Guedes, e ele te responde que a Amazônia está em perigo. Aí você pergunta ao Armínio o que ele achou do menor risco da década e dos menores juros da história, e ele te responde que a mulher é dona do próprio corpo. Com um pouco de sorte, você ainda verá Armínio Fraga alertando

que Bolsonaro ameaça as baleias — alerta que vale ao mesmo tempo para ecologia e para gordofobia. Gênio.

A ecologia é muito importante nesse *tsunami* de renovação — e nada mais novo que João Amoedo reciclando panfleto petista para acusar o fascismo por derramamento de óleo na praia. Reciclar é renovar. Ande um pouco mais no parque de diversões da resistência e você verá João Dória de mãos dadas com Alexandre Frota contra a brutalidade no poder. Dória também pode ser visto dando a mão ao presidente petista da OAB para gritar contra a ditadura do século passado. Renovar é viver.

Na Disney da renovação só tem gente bem vestida e cheirosa. Ali é tudo tão excitante que você pode até encontrar um grande amor. Aí você só vai ter o trabalho de perguntar: no meu jatinho ou no seu?

E foi assim que a roda-viva dos intelectuais se encantou com o homem bruto — afinal de contas, quem rompe com Bolsonaro só pode ser uma alma sensível, rapidamente promovida a dissidente do fascismo. Saboreie esse encontro marcante na história da democracia *gourmet*:

— Parabéns pela sua coragem.

— De quê?

— Bem... De ir ao coração do obscurantismo, testemunhar a gestação do ovo da serpente e romper com essa estrutura de dominação suprainstitucional que se insinua sobre a democracia.

— Ah, isso é *mermo*.

— Como foi que você teve esse despertar?

— Parceiro, na real, meu despertador tá quebrado. *Num* me atrasei pra vir aqui, porque o meu cachorro me deu uma lambida na cara bem na hora. Me amarro no meu cachorro.

— Poxa, que bacana. Admiro muito quem respeita os animais.

— Quem falou de respeito, animal? Meu cachorro é meu amigo.

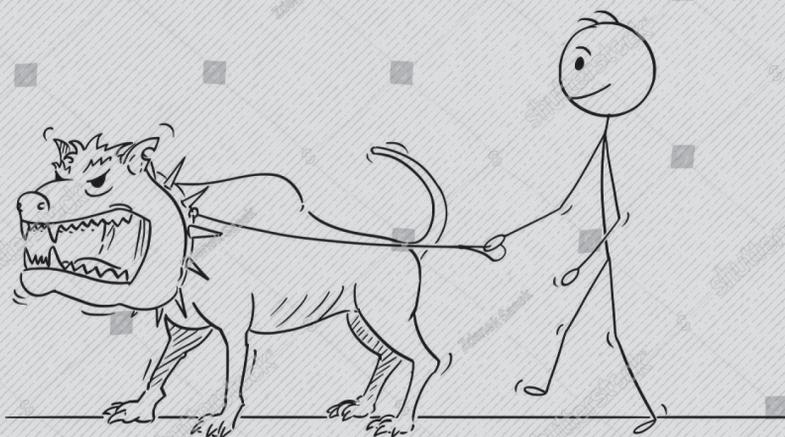
— Ah, claro. Sim, amizade, respeito... São aspectos de um mesmo conjunto de valores. Isso me lembra um postulado, acho que foi Heidegger...

— Dobermann.

— Hein?

— A raça do cachorro é dobermann.

— Ah, sim. Excelente raça!



— Meio traíra.

— Bem, depende de cada um...

— Tá chamando meu cachorro de traíra, parceiro?!

— Não! Claro que não. Foi você quem disse que...

— Eu disse que a parada da traiagem é uma parada dessa raça. Mas o meu não é.

— Que bom. Confiança é tudo! Por falar nisso, voltando... Quando foi que você perdeu a confiança nos seus ex-aliados? Foi no momento em que você descobriu que eles eram fascistas?

— Sei lá, parceiro. Eu vi a galera detonando os cara, e detonar é uma parada que eu curto.

— Entendi... E eles respeitaram a sua decisão soberana de ruptura democrática ou nessa hora se revelaram desleais e mostraram toda a propensão ao despotismo?

— Eu não tenho nada contra o *deputismo*, acho deputado uma profissão como outra qualquer.

— Desculpe, acho que não me fiz entender. Me referi a despotismo, propensão despótica, autoritária...

— Ah, isso é *mermo*.

— O quê?

— Isso aí que tu falou.

— O grupo político que está no poder tem propensão despótica?

— É.

— Tem neurose autoritária e quer suprimir as liberdades, interferindo de cima para baixo na autonomia do indivíduo enquanto ser social e usando o Estado como biombo para a mais hedionda tirania?

— É.

— Estou impressionado com o seu relato. Como pudemos chegar a esse ponto?

— Aí é de cada um. Eu vim de Uber.

— Certo... Que bom ainda termos soberania sobre as nossas decisões de ir e vir.

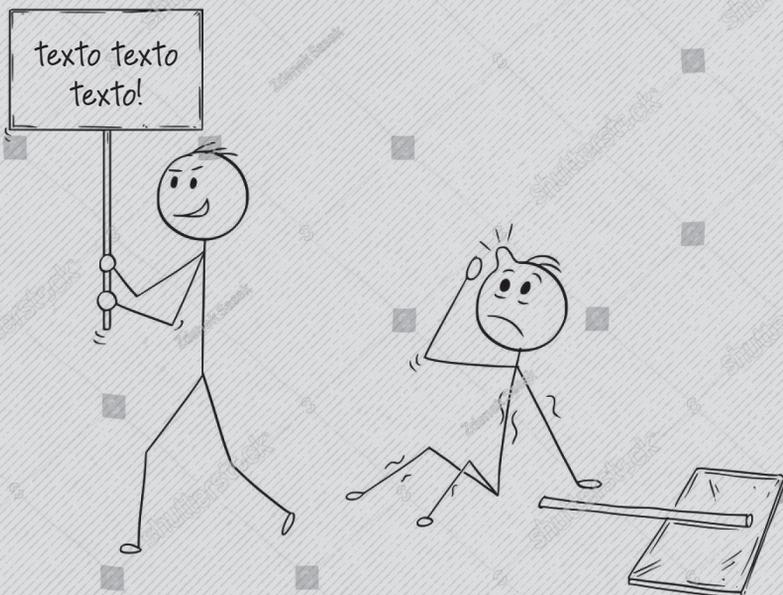
— É, mas *num* sei se se vai ficar assim, não.

— Você acha que eles vão implantar uma ditadura?! Você poderia dizer quando o projeto ditatorial será implantado de fato e a grande noite cairá sobre o continente?

— Essa parada daí *num* tô ligado, não. Falei que *num* vai ficar assim a parada do Uber.

— Como assim?

— Parceiro, os *taxista* tão puto e vão meter a porrada nesses Uber. Que tá barato pra c... *mermo*. Pra mim tá ótimo, mas se eu fosse taxista metia a porrada também.



— Sei... Entendo o seu ponto! A relativização é a beleza da democracia, não é mesmo?

— Beleza pura.

— Então concordamos! Viva o diálogo democrático! Chega de fascismo!

— Já é.

O GOVERNADOR DE SÃO PAULO, JOÃO DÓRIA, DEU UM telefonema particular para o ministro da Economia, Paulo Guedes, logo após o pedido de demissão do ministro Sergio Moro. Segundo relatos não desmentidos pelo governador, Dória recomendou a Guedes que pedisse demissão também — retirando a última sustentação do governo Bolsonaro, segundo ele.

Principal condutor da agenda de reconstrução do país, Paulo Guedes regeu reformas vitais como a da Previdência, entre outras ações com efeito direto na vida de toda a população. No meio de uma crise grave e inusitada provocada por uma pandemia, o governador do maior estado da Federação pediu que o comandante do navio largasse o leme — o que, pelos cálculos de Dória, deixaria o país à deriva.

Paulo Guedes respondeu que a sustentação do governo não vinha dele, mas do apoio do povo. E que seu plano não era deixar o barco afundar, pois acreditava que após a superação da crise o apoio popular que sustentava o governo se multiplicaria.

Você acaba de testemunhar a conversa entre um homem e um rato.

Assim como João Dória tinha uma mensagem para Paulo Guedes (será que algum outro ministro recebeu a mesma sugestão?), o cidadão comum talvez tivesse também uma mensagem para João Dória. Mas ele não telefonaria escondido para o governador, porque só trabalha à luz do dia. Vamos imaginar como seria essa mensagem:

Prezado governador, como vai o Lula? O enlace entre vocês continua progredindo, ou ele já teve uma crise de ciúmes diante do seu talento para a destruição? É bem verdade que as obras completas do ex-presidente continuam imbatíveis, mas também é certo que ele nunca conseguiu a sua eficácia destrutiva no intervalo de alguns meses.

Lula deve estar encantado com você. Segundo Leonel Brizola, o “sapo barbudo” era um maníaco pelo poder e, para chegar aonde queria, era capaz de “pisar no pescoço da mãe”. E você, Dória, que não é um sapo barbudo e não tem um fio de cabelo fora do gel, veio derrubar os velhos modelos de ambição porca. O novo maníaco é limpinho, não se descabela, não se altera, não se perturba, não se envergonha e é, portanto, à prova de remorso e comiseração. Tudo isso graças a um dom muito simples e discreto: não ter coração. E os tolos aí tentando criticar você com códigos humanos...

Os mais atentos jamais vão se esquecer do brilho nos seus olhos no início da epidemia, quando você disse que não ia deixar nada funcionar. E quando você constrangeu todos os empreendedores insinuando que eles estavam pensando em lucros, enquanto você estava pensando em vidas. Logo você...

Aí a Organização Mundial da Saúde, que é a madrinha da quarentena burra, admitiu que o *lockdown* horizontal não era necessariamente a medida certa contra a epidemia, dependendo da região. E o diretor-geral Tedros Adhanom, porta-voz planetário

do “fique em casa” (e cale a boca), recomendou com todas as letras que regiões onde há vulnerabilidade social (gente que cava a subsistência todo dia) deviam relativizar o confinamento, protegendo os grupos de risco. Aí você e aquela sua junta médica do apocalipse, até então devotos fervorosos da OMS, ficaram surdos. Quem é Tedros para desafiar a ciência da destruição?

Vieram mais e mais dados, também da OMS, sobre o avanço do contágio por coronavírus dentro das casas. A entidade chegou a considerar que a pandemia podia estar sendo estendida pela pouca circulação do vírus entre os saudáveis — o que levaria à imunização natural das populações. E você e suas cassandras ficaram firmes, continuando a apavorar todo mundo com equações inventadas relacionando rigorosamente percentual de confinados com demanda por leitos. E com aquele show de óbitos “presumidos” por COVID-19 — um escândalo estatístico que, para a sorte de vocês, ninguém questionou a tempo.

Prezado João Dória, este bilhete de um cidadão comum é só para lhe dizer que, a partir do seu telefonema sórdido para Paulo Guedes, ninguém tem mais o direito de negar a sua ciência da ruína. Não vamos pedir a você o que você pediu ao ministro da Economia, porque androides não desistem. Mas saiba que o surto de catatonia geral um dia passa, e ninguém no porão ficará imune. Nem os ratos.

Você não escreveria o bilhete acima? Então você provavelmente achou que os elogios comovidos de Fernando Haddad a Henrique Mandetta tinham alguma coisa a ver com enfrentamento de epidemia. Nesse caso, você foi aprovado como figurante no show de simulação e confinamento. E com certeza também viu no súbito enlace de João Dória com Lula uma conjugação de forças democráticas pelo bem da saúde pública.

Governador, ex-ministro, ex-presidiário e ex-suplente de presidiário certamente se uniram nesse enredo para ajudar você.

Todos sabem que o mais importante numa emergência sanitária é ter autoridades falando sobre a tragédia 24 horas por dia, de forma que o público não se distraia com besteira. Foi assim que o país assistiu durante pelo menos um mês o ex-ministro Mandetta falando um pouco de tudo — das informações gerais sobre o combate ao coronavírus a reflexões, projeções, correção de projeções, expectativas, desabafos, teorizações sobre o enclave entre o SUS e a democracia, digressões sobre a importância do diálogo com os traficantes de drogas e exaltações à ciência.

Nessa parte da elegia científica, faltou só um detalhe que, por coincidência, passou a ser abordado pela medicina séria logo em seguida: a paralisação da sociedade armou uma bomba mortífera na saúde da população.

Essa perspectiva, que era óbvia, mesmo assim sumiu das preocupações oficiais na gestão Mandetta: a suspensão de exames, tratamentos e diagnósticos de todos os males que não fossem coronavírus fez explodir um quadro geral de doenças agravadas em estágio avançado. Muita gente pagou com a vida. Exames, tratamentos e diagnósticos são recursos científicos. A história vai dizer se a ciência foi atropelada pela retórica.

A devoção científica também estava nos elogios dirigidos ao ex-ministro pelo professor Haddad — membro da quadrilha que revolucionou a ciência da corrupção — e na troca de afagos entre o governador Dória e Lula, PhD em subtração. Todos unidos pelo teorema da paralisia geral, com propósitos que, considerando seus currículos e prontuários, só podiam ser humanitários.

Se considerarmos, com certa boa vontade, que ficção científica também não deixa de ser ciência, Dória deu sua contribuição com as equações ornamentais do *lockdown* de São Paulo. Um

homem à frente do seu tempo (2022), o governador esteve entre as primeiras autoridades a anunciar o fechamento geral. Depois recuou um pouco — sobre fábricas, por exemplo — para não parecer que desejava paralisar por paralisar. Mas não deixou de ameaçar na primeira hora os agentes econômicos, constrangendo-os com a advertência de que não era hora de empresário pensar em lucro. Depois ameaçou prender na rua o cidadão que desrespeitasse a quarentena.

Nenhum cientista no mundo ousou estabelecer um modelo matemático relacionando de forma exata percentual de confinamento, progressão da epidemia entre vulneráveis e consequente expansão de demanda por leitos de UTI. Mas as autoridades de São Paulo disseram que tinham esse modelo — e que se a quarentena não chegasse aos níveis determinados por elas o sistema hospitalar iria colapsar em exatos 15 dias. Ciência é tudo — e chute é para os fortes.

Muitos países fizeram isolamento total e outros fizeram isolamento parcial, focado nos grupos de risco e nas atividades que provocam aglomeração. No balanço entre resultados melhores e piores contra a epidemia, nenhuma fórmula de combate foi consagrada — era tudo hipótese e tentativa. Mas em muitos lugares o fechamento geral virou dogma.

Se não era ciência e não era religião, só pode ter sido política.



CAPÍTULO 3

A maquiagem progressista está toda borrada

O SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL SE REUNIU PARA RASGAR sua própria decisão de apenas três anos antes sobre prisão após condenação em segunda instância por quê? De onde veio a motivação? Qual foi a divindade que instou os companheiros togados a dar esse cavalo de pau na aplicação da lei?

Como no período não houve qualquer mudança de conjuntura em termos de jurisprudência, leis ou Constituição, não é difícil identificar que divindade foi essa: Luiz Inácio Lula da Silva, o bom ladrão — que, por uma coincidência divina, é o padrinho dessa vergonhosa corte, montada à imagem e semelhança do seu amo e senhor.

Exatamente isto: a única coisa que mudou no cenário judicial brasileiro entre 2016 e 2019 foi a prisão de Lula — e de vários de seus comparsas. Foi por isso que o STF foi desenterrar uma matéria sobre a qual já decidira em plenário — e não cabe a uma corte suprema ficar mudando suas decisões ao sabor do vento, como quem muda de toga. O Supremo se desdisse para soltar Lula.

E veja que detalhe eloquente no julgamento que ficará na história da Justiça (*sic*) como o casuísmo mais escancarado em favor de uma quadrilha: o ministro Gilmar Mendes, que em 2016 tinha votado com grande convicção a favor da prisão em segunda instância — lembrando inclusive que essa era a regra vigente nos países mais civilizados do mundo —, deu uma pirueta e não apenas votou contra si mesmo, como fez questão de atacar ostensivamente, no seu voto, o juiz responsável pela prisão de Lula, Sergio Moro.

E o eminente Gilmar fez isso da forma mais subterrânea possível: citando as mensagens roubadas por *hackers* de procuradores da Lava Jato — muamba esta que rendeu um novelão na grande imprensa marrom, tentando incriminar a força-tarefa com interpretações fantasiosas a partir de um conteúdo que não comprometia absolutamente nenhum processo da operação.

Pois veja que atestado inegável de boa-fé: o ministro muda o seu voto ornando-o com alegorias do submundo da arapongagem petista, jogando esse balde de leviandade sobre o juiz que prendeu aquele que a imaculada corte estava reunida para soltar. Contando ninguém acredita.

Dizem por aí que foi mais uma vergonha protagonizada pelo STF. Não, essa descrição está imprecisa. Tamanho e manifesto abuso de poder com a consequência única de beneficiar criminosos ligados inegavelmente a membros desse tribunal não é só uma vergonha — é um ataque à democracia. Onde estava aquela estridente resistência contra o autoritarismo? Enjouou do teatro democrático?

Parece que sim. Sobre essa gente esclarecida que celebrou uma manobra imunda para soltar o homem que vendeu o Brasil a um cartel de empreiteiras — um presidente que virou despachante da Odebrecht para ficar milionário chupando o sangue do povo — o que se pode dizer é que, no eterno dilema entre

ignorância e canalhice, são pessoas condenadas ao drama perpétuo de não poder alegar que não sabem ler.

Então é melhor mesmo se jogar com tudo no autoengano e beber até se esquecer de si na rave Lula Livre. No momento em que o ladrão foi solto, a maior dificuldade era saber onde era a festa. No PT, na OAB, no PCC ou na PQP?

Mas esse escândalo com um baralho inteiro de cartas marcadas — guerra declarada ao Direito — não proibiu a força-tarefa de continuar o cerco à maior gangue política da história, que roubou o suficiente para continuar comprando gente por muito tempo. A Lava Jato ganhou a missão eterna de demonstrar que Lula sempre estará à frente da quadrilha que tenta obstruir a Justiça — como mostra a torrente de informações reveladas em delações como as de Antonio Palocci, Léo Pinheiro e João Santana. O *modus operandi* é conhecido — e já foi flagrado diversas vezes, como nos conluíus e coações que resultaram no sepultamento da operação Castelo de Areia.

A qualquer tempo, a liberdade de Lula ameaça o combate à corrupção no Brasil. Caso de polícia se resolve com polícia, porque no setor da conversa fiada os inocentes úteis (ou nem tão inocentes, mas muito úteis) continuarão a dar o verniz “progressista” para a ação desinibida da gangue.

Para se ter uma ideia, bastou um ministro da Educação que não pertencia à gangue fazer uma citação de Cazusa para a resistência de auditório reivindicar o lugar de fala. No pelotão de frente da indignação postiça estava ninguém menos que Fernando Haddad — que talvez você não se recorde, mas já concorreu à Presidência como suplente de presidiário. O lugar de fala, no caso, seria o xadrez.

Mas lá estava Haddad, o poste sem luz, fingindo indignação para exercer sua principal especialidade — puxar o saco de

artista com demagogia contra o fascismo imaginário. Entendeu a simplicidade do cálculo? Finja que o Brasil voltou aos anos de chumbo, pegue uma fala de um ministro dessa ditadura terrível que você inventou e saia heroicamente em defesa do artista popular citado pelo monstro. Só tem um problema.

Fernando Haddad e o restante da resistência de auditório que posou de defensora de Cazuza não combinam muito com os versos do compositor. Especialmente pelo apito que tocaram por década e meia na política nacional, apoiando flagrantemente o maior assalto da história do país — país este ao qual Cazuza perguntou, num de seus maiores hits, “qual o nome do seu sócio”.

Essa você pode responder com autoridade, prezado poste sem luz: o nome do seu sócio é Odebrecht, OAS, JBS e toda a quadrilha que vocês montaram para, como diria o poeta, transformar o país inteiro num puteiro.

Os catadores de lixo ideológico cortam um dobrado para tentar alimentar a lenda que os sustenta. Roger Waters chegou ao ponto de defender o ditador sanguinário que destruiu a Venezuela. Ele achou que assim estaria retocando sua maquiagem “progressista” — num idioma onde “progresso” significa andar para trás. Ninguém segura os progressistas reacionários.

Mas a realidade andou tripudiando dessas almas penadas. No meio desse teatro, veio à tona a fortuna enfiada pela Odebrecht, a mando do PT, no chavismo assassino. Fala, Cazuza: “Quero ver quem paga pra gente ficar assim”. A resposta está aí, em toda a sua obscenidade: os financiadores da ruína, os cafetões do puteiro, são justamente aqueles que diziam ter sensibilidade social. Os monopolistas da virtude prostituíram a bondade.

Aí Lula é condenado pela segunda vez por corrupção, no processo do sítio de Atibaia, e então se dá a alquimia revolucionária:

you não viu, nem verá, nenhuma dessas subcelebridades fantasiadas de democratas aplaudindo a condenação do maior ladrão do país a ¼ de século de prisão — sentenciado por uma mulher a quem ele tentou intimidar. Alguém avise à resistência cenográfica que a maquiagem progressista está toda borrada.

Nenhum pio dessa patrulha que passa a vida panfletando o empoderamento — justamente quando uma jovem juíza enfrentava um dos maiores criminosos da história. “Se começar nesse tom comigo, a gente vai ter problema” (a frase de Gabriela Hardt a Lula quando ele tentava constrangê-la) teria virado um troféu da causa feminina se houvesse um pingo de honestidade nesse papo de empoderamento.

Aí a venda da refinaria de Pasadena revelou que a negociata chancelada por Dilma Rousseff significou um rombo de 2,3 bilhões de reais. Como você não haverá de ter esquecido, Dilma é a empoderada número um dessa revolução de festim, a presidenta mulher ungida e tutelada pelo ogro. Nenhum pio também dos progressistas reacionários sobre o desfalque da musa. Saiu tão barato que ela ainda pediu indenização pela bolsa ditadura.

Faz sentido. Se você bate a carteira e ninguém te prende, você volta lá para pegar a bolsa.

Se ainda não deu para entender o truque demagógico, fique com esta: sabe quem era o candidato desses heróis da resistência democrática à presidência do Senado em 2019? Ninguém menos que ele — Renan Calheiros.

Bravos progressistas de boutique: como diria Cazusa, a sua piscina está cheia de ratos.

* * *

LUIZ INÁCIO DA SILVA FALOU À NAÇÃO: “AINDA BEM QUE a natureza criou esse monstro chamado coronavírus”. Assim o ex-presidente comemorou a destruição do país provocada pela paralisia decorrente da epidemia. Segundo ele, o bem-vindo microrganismo infeccioso serviu para arruinar a economia — e isso é muito bom, porque assim o Paulo Guedes se ferra e ele pode dizer que eficaz era o parasitismo estatal do PT.

Não se sabe se foi a natureza que criou “esse monstro chamado coronavírus”. Mas com certeza foi ela que criou esse monstro chamado Lula — com a cumplicidade dos inocentes úteis que lhe dão voz. Esse monstro chamado Lula foi condenado a mais de 20 anos de prisão por destruir o Brasil e atirar o povo na maior recessão da sua história sem a ajuda de doença nenhuma. Ou seja, uma praga que nem a OMS ousaria tipificar.

Lula saiu do seu *lockdown* particular na Polícia Federal por uma manobra vil do STF — que numa canetada transferiu o *lockdown* para o resto do país, dando poderes discricionários a governadores e prefeitos aloprados de todo o território nacional. O STF soltou Lula e prendeu o Brasil.

Mas tudo tem o seu lado bom. Ao comemorar o surgimento do coronavírus, com uma desinibição que só ele tem, Lula deu voz a toda essa gente perfumada e agourenta cuja inconfessável torcida pela COVID-19 estava confinada no armário. O ex-presidente falou por muita gente. Lula é o libertador das cassandras. Imagine como devem ter se sentido aqueles que inflamaram as estatísticas virais ao ouvir “ainda bem que a natureza criou esse monstro”. Identificação imediata e total.

Não sabe da inflamação nas estatísticas? Sabe sim. Só não está ligando o nome à pessoa. Um exemplo brando: enquanto Lula comemorava a COVID-19, os dados do registro civil começavam a apontar um declínio no número de óbitos pela epidemia

no Brasil. Mas as manchetes anunciavam novos recordes diários de mortes — confundindo o número de óbitos registrados num determinado dia com a data das fatalidades. A notícia tinha que ser sempre de que a epidemia estava em plena escalada.

Qual seria o objetivo de alguém, cuja missão é informar, ao confundir deliberadamente número de óbitos registrados em 24 horas (referente a vários dias) com número de óbitos ocorridos em 24 horas? Será que esse pessoal achou que a população precisava de um pouco mais de angústia? Ou será que para eles tanto faz quem morreu ou deixou de morrer, porque na manchete não vai aparecer a cara de ninguém mesmo — e número é tudo igual?

E já que estamos atrapalhando a celebração de Lula e suas cassandras, aproveitemos para registrar a estranha epidemia de óbitos “em investigação”. As estatísticas do coronavírus estiveram sempre repletas de “óbitos presumidos” — instituto favorecido em certos casos legalmente, como no decreto do governador de São Paulo, João Dória, permitindo atestar como possível COVID-19 óbitos sem causa definida.

Vale assinalar também que essas estatísticas — bem como de infectados e internados — estavam entre os critérios para distribuição das verbas de emergência, o que virou caso de polícia em vários estados: o escândalo do Covidão.

A forma mais eficaz de enfrentar uma epidemia é conhecer a progressão dela com a máxima exatidão possível. Mas de repente isso mudou: buscar rigor estatístico passou a ser sinônimo de querer minimizar o problema. Os que acusaram eram os mesmos que faziam licença poética com número de mortes. E que diziam que a única saída contra a morte era enfiar a população inteira em casa — para onde logo se transferiram, segundo a própria OMS, as maiores frentes de contágio.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite
é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2020